



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca





IV

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na cerimônia de formatura da Turma de 1992 do Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, do Instituto Rio Branco.

Brasília, 27 de abril de 1993.



É para mim uma grande satisfação comparecer ao Palácio do Itamaraty para presidir a cerimônia de formatura dos mais novos membros da Casa de Rio Branco.

Quer a tradição dos povos que as passagens marcantes no processo de maturação do ser humano sejam oportunidade de justa celebração.

Ao acolher para a vida profissional aqueles qualificados para as diversas frentes da força de trabalho, a sociedade comemora a sua revitalização.

Inspirados nos serviços prestados ao Brasil pelo patrono da Casa, o Barão do Rio Branco, e por tantos profissionais ilustres que o sucederam; beneficiados por uma formação sólida a que os capacitou a aprovação no exame vestibular para o Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, os formandos deixam agora os desafios e a liberdade da vida acadêmica para assumir a responsabilidade pragmática do agente político comprometido com a defesa do interesse nacional.

Os formandos do Instituto Rio Branco têm muito de que se orgulhar. A Casa cujos quadros passam a integrar distingue-se, no serviço público brasileiro, pela manutenção de alto padrão de desempenho, alicerçado no labor co-

letivo e na continuidade da ação. O Itamaraty tem sabido preservar uma cultura que lhe é particular, destacando-se pelo procedimento a um tempo disciplinado e criativo de seus quadros.

Formam-se hoje vinte e um novos diplomatas brasileiros.

Assumem a partir de agora o importante compromisso de honrar as tradições desta Casa.

Será preciso, de olhos postos no futuro, e tendo presentes as necessidades e a expectativa da sociedade brasileira, repensar a política externa à luz de um cenário internacional que sofreu radical transformação e continua em acelerada mutação.

Senhoras e Senhores,

Mais do que nunca, são exigidas dos diplomatas perspicácia, decisão e capacidade de compreender as novas configurações da situação internacional, bem como de propor e executar ações políticas destinadas a ampliar a presença do Brasil e de nossa região no cenário mundial.

A construção de novas estruturas de convivência internacional em bases justas é o desafio que nos reservou a história e para o qual serão decisivos os esforços dessa jovem geração de diplomatas que representará o Brasil nas próximas décadas.

Para inspirá-los ante esse desafio, escolheram os formandos como patrono o Doutor Ulysses Guimarães.

Não poderia ser mais feliz a escolha.

Não é possível evocar Ulysses Guimarães sem emoção e sem saudade.

Quanto não deve a Nação brasileira a esse idealista, que fez da coragem na defesa de seus valores um exemplo para todos nós?

A decisão de escolher Ulysses Guimarães para patrono é muito mais que a merecida homenagem a um grande homem público, que tanto falta nos faz.

Reconheço, nessa decisão, a profissão de fé nos valores da democracia como os únicos que nos permitirão encontrar os caminhos para retomar o desenvolvimento, resgatar a dívida social e construir uma sociedade mais justa.

Senhoras e Senhores,

A construção dessa sociedade mais justa é o objetivo central que dá sentido a cada uma das ações de meu Governo.

É por entender que a recessão e o desemprego nos afastam dessa meta que, desde o primeiro dia de meu mandato, questionei a falsa modernidade que se paga com a miséria do povo ou as receitas econômicas que implicam sempre postergar o desenvolvimento.

Houve quem tentasse apresentar como apego ao passado tanto meu questionamento da modernização excluente, como minha convicção de que os problemas do país só se resolverão com a retomada do crescimento.

Nada mais longe da verdade.

Apegados ao passado estavam os que insistiam em manter o povo à margem dos benefícios do progresso. Eram eles os que não entendiam que a presença de uma população marginalizada do progresso econômico é característica de sociedades desorganizadas e de modelo arcaico.

Meu compromisso é com as reformas hoje exigidas para que reencontremos o caminho do desenvolvimento com justiça social.

Confio em que as levaremos adiante, com o apoio do Congresso Nacional.

Estabilizar a economia, voltar a crescer, resgatar a esperança; esses objetivos reclamam verdadeira união nacional.

Em ambiente de plena liberdade democrática, vamos amadurecendo, em benefício de todos, um novo modelo de desenvolvimento, mais aberto, mais dinâmico e mais equilibrado.

O tempo de nosso ajuste é o tempo da Democracia.

Formam-se gradualmente os consensos em que todos os setores da sociedade têm voz ativa. O consenso é garantia de que nossas reformas são legítimas e serão duradouras.

Senhoras e Senhores,

Na construção da sociedade justa a que aspiramos, a política externa tem papel decisivo.

As características centrais de nossa diplomacia sempre foram a defesa dos interesses nacionais, o respeito aos compromissos assumidos, a tradição de uma ação coerente no tempo e sobretudo a visão de futuro.

A nova agenda da política externa brasileira conserva esses valores, ao mesmo tempo em que inaugura uma integração mais íntima com as forças vivas da sociedade. Os contactos com os meios empresariais, acadêmicos, políticos e culturais têm contribuído para que a Chancelaria expresse de modo mais fiel os interesses e anseios na Nação brasileira.

O direito soberano dos Estados, a solução pacífica das controvérsias, a consolidação da democracia, a superação da pobreza com distribuição equitativa da riqueza, o pleno respeito aos direitos humanos, a busca do desenvolvimento sustentável, a garantia de condições de competição internacional para nossa economia, todos esses são

ideais compartilhados pela sociedade, que nos apontam os rumos a tomar e os objetivos gerais a perseguir no plano internacional.

A capacidade de sempre atender às necessidades da sociedade mantém a credibilidade e a legitimidade da política externa.

O final da Guerra Fria alterou a distribuição do poder mundial. No plano político, sobressaem a necessidade de maior cooperação multilateral e a aplicação do ideal democrático em nível internacional. No plano econômico, a tendência à globalização não deve levar-nos a ignorar as disparidades e assimetrias que distanciam os mais desenvolvidos do resto do mundo.

Ao mesmo tempo, convivemos com os riscos, por um lado, da regionalização excludente, e, por outro, da drástica e explosiva fragmentação de antigos espaços políticos.

Para atuar em consonância com o interesse nacional, a diplomacia brasileira deve orientar-se pelo realismo. Precisará mobilizar a experiência acumulada e a sagacidade que vem caracterizando a sua ação para procurar influenciar o jogo político e econômico internacional em favor de nosso desenvolvimento.

Senhoras e Senhores,

Ao refletir sobre o que deve ser uma pauta de política externa brasileira identifico claramente algumas prioridades:

— A defesa do tratamento multilateral e nos seus fóruns apropriados dos grandes temas internacionais — políticos e econômicos —, assim como uma maior transparência e democratização no acesso ao processo decisório internacional;

— O reforço do sistema multilateral de comércio, que poderá ser obtido por uma conclusão satisfatória da Roda Uruguai, para cujo sucesso já foram dedicados tantos anos de esforços negociadores;

— A consolidação de nosso processo de integração regional, que nos abre novas perspectivas e oportunidades no campo econômico e comercial, e que deverá reforçar a base política com que poderemos contar para o apoio a nossos pontos de vista no cenário internacional.

Essas vertentes da atuação diplomática brasileira se unem na construção de um novo sistema internacional, mais equitativo e mais apto a atender às necessidades dos países em desenvolvimento.

Senhoras, Senhores, Diplomatas,

Somos um país que deseja a integração.

Nesse sentido, será preciso valorizar nossa própria região. A América Latina, em particular a América do Sul, sempre foi e deve continuar a ser área privilegiada de atuação de nossa política externa.

Devemos não apenas levar adiante o êxito do MERCOSUL em termos de aproximação política entre seus membros, de fortalecimento da democracia e de reforço da competitividade, é exemplo a ser valorizado. Trata-se de iniciativa que não pode subordinar-se às flutuações da conjuntura econômica ou política.

No campo regional mais amplo, temos em nossas relações bilaterais importante acervo a ser preservado e enriquecido.

O relacionamento com os Estados Unidos mantém-se em patamar próprio de densidade e importância.

O evidente peso dos Estados Unidos no cenário internacional e a intensidade de nossas relações tornam funda-

mental que os entendimentos com esse país, hoje nosso principal parceiro individual, sejam marcados pela fluidez e pela maturidade de diálogo.

É sólida a base de nossas relações com a Europa. O Velho Continente faz parte de nossas origens. Temos, com os países europeus, relações tradicionais, e esperamos que as perspectivas de expansão econômica da Comunidade Européia prenunciem novas oportunidades para o nosso intercâmbio.

Compartilhamos com a África raízes étnicas e culturais, bem como a aspiração ao desenvolvimento e à transformação do Atlântico Sul em um espaço vivo de integração.

As relações com as economias emergentes do Pacífico devem merecer atenção especial. Há muito o que fazer em termos de conjugação de esforços.

Com o Japão, devemos desenvolver as múltiplas áreas em que há claro potencial de cooperação.

Temas como desenvolvimento sustentável, direitos humanos, desarmamento, são objeto de discussão multilateral intensa e permanente e demandam atitudes transparentes, abertas e não-discriminatórias, apoiadas na cooperação internacional com base em regras multilateralmente acordadas.

Os jovens diplomatas da classe de 1992 têm o privilégio de começar suas carreiras sob a orientação de um Chanceler que reúne as mais altas qualificações intelectuais e acadêmicas. Parlamentar experiente e realista, homem de diálogo, de espírito aberto e criativo, o Ministro Fernando Henrique Cardoso traz para a condução da política externa um acervo de realizações, caracterizado por um irrepreensível comportamento ético e um inabalável compromisso com a democracia.

Os diplomatas que hoje se formam não poderão faltar com seu patriotismo e espírito público, e, nisso, haverão de inspirar-se no exemplo da paraninha da turma, Embaixadora Thereza Maria Machado Quintella, ex-diretora do Instituto Rio Branco e, hoje, nossa representante em Viena. Seu reconhecido talento profissional e sua aguda sensibilidade diplomática são a marca da brilhante trajetória que a levou ao ápice da carreira.

A cada um dos formandos e às suas famílias, minhas congratulações.

Peço que aceitem, com os colegas bolsistas da Eslováquia, do Paraguai, da Romênia e do Suriname, os meus votos de êxito profissional e de felicidade pessoal.

Senhores formandos da Turma de 1992,

Que no futuro possam ser os representantes de uma sociedade menos desigual, mais livre e mais desenvolvida.

Que no futuro possam representar essa sociedade em um mundo menos desigual, mais livre e mais desenvolvido.

Muito obrigado.

